Área Temática: Empreendedorismo e Startups

SUPERANDO BARREIRAS E CONSTRUINDO AUTONOMIA: UM ESTUDO COM EMPREENDEDORAS NEGRAS EM PORTO ALEGRE/RS

RESUMO

Este estudo analisa os desafios percebidos por empreendedoras negras residentes em Porto Alegre/RS e as estratégias mobilizadas para sustentar seus negócios. A pesquisa fundamenta-se na perspectiva da interseccionalidade entre gênero, raça, classe e território. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, com coleta de dados realizada por meio de entrevistas semiestruturadas em profundidade com dez empreendedoras negras residentes em bairros periféricos da capital gaúcha. A análise dos dados ocorreu via análise de conteúdo sob categorias temáticas alinhadas ao referencial teórico. Os resultados revelam um perfil majoritariamente jovem, atuante nos setores de estética/beleza e gastronomia, motivado tanto por necessidade de renda quanto pela busca por autonomia e propósito. Identificou-se que as barreiras estruturais se manifestam pela sobrecarga da jornada tripla com tarefas de cuidado doméstico, desacreditação da capacidade profissional e discriminação racial direta e indireta no mercado comercial. Em contrapartida, as estratégias de superação e resistência pautam-se na busca incansável por capacitação técnica contínua, na articulação de redes de apoio familiares e comunitárias para o cuidado dos filhos, e na resiliência emocional. Conclui-se que o afroempreendedorismo feminino transcende a mera subsistência financeira, constituindo-se como um dispositivo coletivo de resistência, fortalecimento identitário e transformação socioeconômica local.

Palavras-chave: Empreendedorismo Feminino. Afroempreendedorismo. Interseccionalidade. Desafios de Gestão. Estratégias de Resistência.

ABSTRACT

This study analyzes the main challenges faced by black female entrepreneurs in Porto Alegre/RS and the strategies adopted to overcome them. The research is grounded in the perspective of intersectionality between gender, race, class, and territory. Methodologically, an exploratory qualitative approach is adopted, with data collected through in-depth semi-structured interviews with ten black female entrepreneurs residing in peripheral neighborhoods of the capital of Rio Grande do Sul. Data analysis was performed through content analysis using thematic categories aligned with the theoretical framework. The results reveal a predominantly young profile, working mainly in the beauty/aesthetics and gastronomy sectors, motivated both by the need for income and the pursuit of autonomy and purpose. Structural barriers manifest through the burden of a triple workload involving domestic care duties, discredit of professional capacity, and direct and indirect racial discrimination in the commercial market. Conversely, strategies for overcoming and resistance are based on a continuous search for technical qualifications, the articulation of family and community support networks for childcare, and emotional resilience. It is concluded that black female entrepreneurship transcends mere financial subsistence, constituting a collective mechanism of resistance, identity strengthening, and local socioeconomic transformation.

Keywords: Female Entrepreneurship. Black Entrepreneurship. Intersectionality. Management Challenges. Strategies of Resistance.

1 - INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo principal compreender os principais desafios enfrentados pelas empreendedoras negras no município de Porto Alegre/RS. O estudo visa compreender a complexidade desses desafios, abrangendo os impactos psicológicos e financeiros dessas empreendedoras negras. Conforme Almeida (2019, p. 7), “mulheres negras são consideradas pouco capazes porque existe todo um sistema econômico, político e jurídico que perpetua essa condição de subalternidade, mantendo-as com baixos salários, fora dos espaços de decisões, expostas a todo tipo de violência”.

Empreendedorismo é a capacidade que uma pessoa tem de identificar problemas e oportunidades, desenvolver soluções e investir recursos na criação de algo positivo para a sociedade (SEBRAE, 2023). O empreendedorismo feminino é uma força poderosa para impulsionar a economia e a igualdade de gênero. Com o cenário atual, para as mulheres negras o empreendedorismo pode ser uma forma de driblar as dificuldades impostas pelo racismo estrutural. Porém, ainda assim, conforme pesquisa feita por Machado e Paes (2021), existem diversas dificuldades com as quais as mulheres negras empreendedoras precisam lidar para administrar seus negócios, como questões financeiras, familiares, preconceitos e racismo.

O presente artigo busca responder o problema de pesquisa: como empreendedoras negras residentes em Porto Alegre percebem barreiras de gênero e raça e quais estratégias mobilizam para sustentar seus negócios?

O objetivo geral da pesquisa é analisar os desafios percebidos por empreendedoras negras residentes em Porto Alegre e as estratégias de enfrentamento mobilizadas para sustentar seus negócios. Os objetivos específicos são: caracterizar os perfis, as motivações e as condições de atuação das participantes; identificar barreiras de gênero, raça, gestão e mercado percebidas em suas trajetórias; e examinar o papel das redes de apoio e das estratégias de continuidade dos negócios.

Esta pesquisa se justifica pelo crescimento expressivo do número de empreendedoras negras no mercado. Compreender seus desafios é fundamental para o desenvolvimento de políticas públicas e gerar confiança para que mais mulheres negras se encorajem para empreender. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Brasil, 2022), aproximadamente 48% dos pequenos negócios no Brasil são liderados por mulheres, o que demonstra a importância de entender suas trajetórias. O presente trabalho procura preencher uma lacuna e incentivar o estudo do tema no meio acadêmico, principalmente na área de Gestão e Negócios, em que foram identificados poucos estudos que abordam a temática de cor/raça e gênero no empreendedorismo.

Entre os anos de 2013 e 2023, o número de empreendedores negros no Brasil cresceu 22%, superando a performance dos donos de pequenos negócios brancos, que registraram uma alta de 18%. Segundo estudo realizado pelo SEBRAE (2023) com base em dados da PNAD Contínua, em 2013 existia 12,8 milhões de pessoas negras donas de negócios e 11,7 milhões de pessoas brancas, saltando, em 2023, para 15,6 milhões e 13,8 milhões, respectivamente. Esse aumento permitiu que, nesse período analisado, a diferença entre pessoas empreendedoras pretas e pardas, em relação às brancas, ampliasse de 1,1 milhão para 1,8 milhão.

O empreendedorismo feminino no Brasil tem mostrado crescimento, especialmente entre empreendedores iniciais. A participação feminina no empreendedorismo aumentou de 40,2% em 2023 para 46,8% em 2024, um avanço de 6,6 pontos percentuais (SEBRAE, 2023). Dessa forma, pesquisar sobre a trajetória das mulheres negras empreendedoras justifica-se por ser perceptível que as dificuldades impostas

a elas na sociedade refletem diretamente em seus empreendimentos. O empreendedorismo é uma das principais fontes de geração de emprego e renda no Brasil.

2 - REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 – Empreendedorismo

Conforme Ortiz (2021), o empreendedorismo é a capacidade de fazer uma ideia dar lucro. Isso pode acontecer na forma de uma empresa, um produto, um serviço, um projeto ou uma *startup* (é uma empresa de base tecnológica, com um modelo de negócios repetível, escalável e sustentável, que vive em um cenário de riscos e incertezas).

Para Biagio (2012, p. 13), o empreendedorismo é uma área dedicada a estudar a formação da ideia de empreendimentos, destacando tanto o seu valor, como também a ideia de agregar valor ao que já existe. Além de ter a capacidade de transformar ideias inovadoras e pôr em práticas projetos, o empreendedorismo abre uma grande porta para a geração de novos empregos, como também auxilia no desenvolvimento econômico e social.

Para autores como Schneider e Branco (2012), empreender antes de tudo é uma decisão pessoal, que envolve propósito, autoconhecimento e desejo de transformar sonhos em realidade. As motivações típicas do empreendedor são: necessidade, oportunidade e realização profissional. A maioria das ideias inovadoras surge quando o indivíduo se permite observar o mundo com curiosidade, romper padrões e buscar novas conexões.

Para Dornelas (2015), o importante em empreender é a sensação de contribuir de alguma forma para a evolução das pessoas, do local onde vive, de fazer parte da história como protagonista. Segundo o autor, não existe um único tipo de empreendedor ou modelo padrão, assim sendo impossível rotular o perfil de um empreendedor. O Quadro 1 apresenta os oito tipos de empreendedores e suas respectivas características.

Quadro 1 – Tipos de empreendedores e suas características

Tipos de empreendedor	Características
O Empreendedor Nato (Mitológico)	Indivíduos dotados de visão estratégica que se dedicam integralmente ao negócio, frequentemente influenciados por um histórico ou tradição familiar no empreendedorismo.
O Empreendedor que Aprende (Inesperado)	Perfil com expressivo crescimento na atualidade, caracterizado por indivíduos que não planejavam gerir o próprio negócio, mas identificam a oportunidade em determinado momento da trajetória pessoal ou profissional.
O Empreendedor Serial (Cria Novos Negócios)	Profissional motivado pelo ato contínuo de empreender, dedicando-se sistematicamente à concepção, estruturação e lançamento de múltiplos negócios.
O Empreendedor Corporativo	Agente de inovação no ambiente organizacional que atua de forma arrojada, estimulando as equipes a superarem metas complexas e a impulsionarem os resultados da

	empresa.
O Empreendedor Social	Indivíduo voltado à resolução de demandas socioambientais, focado no impacto social e na promoção de oportunidades para populações em situação de vulnerabilidade ou exclusão.
O Empreendedor por Necessidade	Aquele que recorre ao empreendedorismo como estratégia de subsistência diante da ausência de colocações no mercado formal de trabalho, atuando frequentemente com limitação de recursos e de capacitação prévia em gestão.
O Empreendedor Herdeiro (Sucessão Familiar)	Empreendedor responsável pela continuidade e gestão de um negócio familiar, dando prosseguimento ao legado empresarial transmitido entre gerações.
O “Normal” (Planejado)	Perfil analítico e metodológico no qual o sucesso do empreendimento é fundamentado na estruturação prévia, na análise de viabilidade e no planejamento sistemático das ações.

Fonte: Elaborado pelos autores, com base em Dornelas (2015).

2.2 - Empreendedorismo Feminino Negro

A interseccionalidade permite compreender que raça e gênero não atuam como dimensões isoladas ou simplesmente somadas, mas produzem experiências sociais específicas. Aplicada ao empreendedorismo, essa perspectiva evidencia que mulheres negras podem enfrentar formas próprias de deslegitimação, restrição de oportunidades e invisibilidade, distintas daquelas vividas separadamente por mulheres brancas ou homens negros (Crenshaw, 2002; Akotirene, 2019).
Segundo estudo realizado pelo SEBRAE (2021), utilizando dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Brasil, 2021), no Brasil, comparando os empreendedores brancos e negros, há diferenças significativas estruturalmente:

- Os negros foram os mais prejudicados/afastados de sua atividade, com a crise da pandemia da Covid-19;
- Eles também tiveram recuperação mais modesta, após a crise da Covid-19;
- Possuem menor nível de escolaridade;
- Possuem menor nível de rendimento mensal;
- Possuem a maior proporção de conta própria;
- Entre os empregadores, possuem menos empregados (negócios menores);
- São os que estão há menos tempo na atividade;
- São os que estão menos formalizados;
- São os que menos contribuem à previdência;
- São os mais jovens;
- São os que têm maior dificuldade de acessar o crédito (empréstimo para abrir um negócio próprio) disponibilizado para micro e pequenas empresas.

Os negros representam 51% dos empreendedores brasileiros, mas ainda são os que mais enfrentam dificuldades para gerir seus negócios (SEBRAE, 2021). A população negra adulta é a que mais sonha em ser dona do próprio negócio, segundo a pesquisa

Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2020). De acordo com o estudo, 62,3% dos adultos pretos e pardos apresentavam esse desejo, uma diferença de 9,6 pontos percentuais se comparado com os adultos brancos (52,7%). A mesma pesquisa apontou que a motivação para começar um negócio devido à escassez de empregos foi predominante entre os empreendedores brasileiros iniciais, tanto para os brancos (80,6%) como para os pretos ou pardos (83,9%).

Empreendedorismo negro ou afroempreendedorismo, não é apenas uma alternativa de renda, mas um movimento estratégico de autonomia e reconstrução histórica. Arbelo (2021), aborda como o fortalecimento da identidade negra ajuda empreendedores a construir negócios sólidos e alinhados à cultura afro-brasileira. Empreender também é um ato político, ao criar e consolidar seus negócios, pessoas negras reescrevem suas histórias, quebram ciclos de exclusão e inspiram novas gerações. Arbelo (2021), enfatiza a importância de inserir propósito, ancestralidade e visão de futuro nos negócios negros.

Para Nogueira (2014), o afroempreendedorismo não é apenas uma alternativa econômica, mas uma estratégia transformadora de poder e cidadania para a população negra no Brasil. O empreendedorismo negro é peça-chave para o desenvolvimento econômico do país em um modelo mais justo e igualitário.

O afro empreendedorismo muitas vezes têm um foco especial em atender às necessidades e demandas específicas das comunidades negras, oferecendo produtos e serviços que refletem sua cultura e identidade. Isso não só fortalece o orgulho e a coesão dentro da comunidade, mas também estimula o desenvolvimento de um ecossistema empreendedor mais inclusivo e diversificado (SEBRAE, 2024).

Cerca de 70% dos indivíduos classificados como pobres ou extremamente pobres são pretos e pardos. Além disso, dentro dessa parcela da população, aproximadamente 40% encontram-se em situação de pobreza, um índice que é duas vezes maior do que o registrado na população branca, que corresponde a 21%. A constatação é feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os negócios liderados por empreendedores (as) negros (as) têm um impacto transformador nas comunidades em que estão inseridos. Esses empreendimentos não apenas criam empregos locais, proporcionando oportunidades de trabalho para membros da comunidade, mas também contribuem para o fortalecimento da economia local.

Schucman e Gonçalves (2020) contribuem com reflexões sobre como o pertencimento e a valorização cultural podem impactar positivamente o desempenho das mulheres negras em diferentes contextos, incluindo o mercado de trabalho e os negócios. Suas análises apontam que fortalecer a identidade negra é crucial para superar as barreiras impostas pelo racismo.

Ribeiro (2017, p. 20) destaca que:

> Essa imposição de um único padrão de beleza contribui para a marginalização da mulher negra em várias esferas sociais. Contudo, ao longo do tempo, as mulheres negras têm resistido e construído suas próprias identidades e espaços de luta. Elas têm se destacado como líderes em movimentos sociais, como o Movimento Negro e o Movimento Feminista Negro, que buscam não apenas a igualdade de gênero, mas também a promoção da justiça racial.

O empreendedorismo desempenha um papel transformador na vida das mulheres, proporcionando independência financeira, autonomia nas decisões e oportunidades de crescimento pessoal e profissional. Além de gerar renda, fortalece a autoestima, amplia redes de apoio e cria espaços para inovação e liderança feminina. Para muitas mulheres, empreender é um caminho para superar desafios socioeconômicos e

conquistar reconhecimento no mercado, impulsionando a equidade de gênero e a inclusão.

Conforme pesquisa realizada pelo SEBRAE (2025), onde foram entrevistadas 449 mulheres, estas empreendem motivadas tanto pelo desejo de crescimento pessoal quanto pela habilidade de considerar novas oportunidades no mercado. Ao ingressar no empreendedorismo, impulsionam mudanças positivas em suas vidas e em suas comunidades.

Levantamento feito pelo SEBRAE (2024) revela o crescimento significativo do empreendedorismo feminino negro no país. Mulheres consideradas negras e pardas lideram, hoje, 50% dos novos negócios que surgem no Brasil. Apesar do crescimento significativo, ainda sofrem com desigualdades estruturais que são persistentes e históricas.

Conforme estudo realizado por Dihl, Waismann e Bem (2021), a inserção das mulheres no mercado do trabalho através da abertura do seu próprio negócio possibilita melhoras na qualidade de vida, fortalecendo o processo de cidadania, assim como o reconhecimento no que diz respeito à esfera do direito, pois, diferente dos homens, as mulheres abrem seus negócios por acreditar em seus sonhos e pela flexibilidade de horários que o negócio próprio permite.

2.3 - Principais Desafios das Mulheres Negras

Para mulheres negras empreendedoras o cenário é mais desafiador do que para mulheres brancas ou homens negros, uma vez que enfrentam discriminação racial e de gênero. Diante dessas barreiras, mulheres negras empreendedoras podem desenvolver estratégias de continuidade que combinam capacitação, apoio relacional, profissionalização e fortalecimento emocional, sem que essas respostas eliminem o caráter estrutural das desigualdades enfrentadas..

Segundo dados do SEBRAE (2023), um dos piores desafios enfrentados pelas mulheres empreendedoras negras é acesso ao capital para iniciar ou expandir seu próprio negócio. Enfrentam dificuldades em garantir linhas de crédito com condições favoráveis ou em acessar investimentos de risco. Pesquisa do Instituto Rede Mulher Empreendedora (2025) revela que 42% das empreendedoras brasileiras consultadas que solicitaram crédito tivera os pedidos negados.

A Fundação Instituto de Negócios e Afroempreendedorismo (FUNAFRO, 2025) traz que um dos principais desafios diários enfrentados pelas empreendedoras negras é o acesso ao crédito. Mesmo que esteja evidente o crescimento constante das mulheres negras abrindo o seu próprio negócio, é o tipo de gênero e raça que tem essa dificuldade, quando comparado com os demais grupos. Além disso, a falta de representatividade também influencia nos desafios enfrentados, pois não tem uma visão de sucesso ou não recebem a visibilidade que merecem.

Aqueles negócios que nascem dentro da comunidade tem um valor significativo, pois nasce de uma necessidade dentro daquela comunidade, investindo em projetos sociais e apoiando outras mulheres a se tornarem empreendedoras. Apesar dos desafios enfrentados diariamente, as mulheres negras empreendedoras têm um papel importante não só dentro do local onde vivem, mas também geram empregos, além de uma diversidade de ideias e soluções para o mercado, tornando-o mais inclusivo.

A Casa de Cultura da Mulher Negra (2023) relata oito desafios enfrentados somente pelas mulheres, que são:

1º Desafio - Desigualdade de Acesso a Recursos Financeiros: A dificuldade em acesso a recursos financeiros dificulta as mulheres em abrir ou expandir o seu negócio;

2º Desafio - Estereótipos e Preconceitos: Sociedade impõe expectativas e julgamentos baseados em raça e gênero, o que impacta de forma negativa a percepção dos negócios e sua credibilidade no mercado;

3º Desafio - Falta de Representatividade: A falta de representatividade e ausência de modelos a seguir, dificultando a visibilidade do empreendimento;

4º Desafio - Racismo e Sexismo no Ambiente de Trabalho: As mulheres negras enfrentam discriminação, microagressões e obstáculos devido a raça e gênero;

5º Desafio - Dificuldades para Equilibrar Vida Profissional e Pessoal: Para aquelas mulheres mães, chefes de família e/ou esposas que precisam equilibrar as demandas da vida pessoal e profissional. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Brasil, 2022), elaborada pelo IBGE, mostra que as mulheres dedicam, em média, 9,6 horas mensais a mais do que os homens aos serviços domésticos e sua família;

6º Desafio - Negociações Diferenciadas: As mulheres negras passam por negociações diferenciadas devido a preconceitos e estereótipos. Resultam em condições contratuais menos favoráveis, prejudicando a equidade nos negócios e a capacidade de obter acordos vantajosos;

7º Desafio - Desafios na Construção de Marca Pessoal: As empreendedoras negras precisam de uma marca pessoal para se destacar da concorrência no mercado;

8º Desafio - Pressões Socioculturais: As mulheres negras passam por pressões socioculturais pela sociedade em geral, especialmente aquelas que buscam desafiar as expectativas tradicionais.

Enfrentar esses desafios requer esforços diários e contínuos de conscientização, apoio institucional e ações que promovam a equidade nos empreendimentos.

3 - METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório de forma a entender os principais desafios enfrentados pelas empreendedoras negras de Porto Alegre. A escolha pela pesquisa qualitativa se dá pela busca de aprofundar e compreender os principais desafios enfrentados pelas empreendedoras negras. Segundo Minayo (2014), a pesquisa qualitativa busca interpretar a realidade em sua totalidade, captar a dinamicidade dos processos sociais e entender fenômenos a partir da perspectiva dos sujeitos. Referido autor também traz que o pesquisador e campo se influenciam mutuamente, teoria e método devem caminhar juntos e que o conhecimento é sempre situado, histórico e cultural.

Participaram do estudo dez empreendedoras autodeclaradas da cor negra/preta, moradoras no município de Porto Alegre/RS. As participantes foram recrutadas por conveniência, conforme os seguintes critérios de inclusão: autodeclarar-se mulher negra, exercer atividade empreendedora e residir no município. A técnica de coleta de dados foi entrevista em profundidade. Cinco entrevistas foram realizadas de forma presencial, conforme a disponibilidade de cada entrevistada, com duração entre 15 e 20 minutos. Das entrevistas realizadas de forma online, via Google Meet, a duração média foi entre 20 e 25 minutos. As dez entrevistas foram realizadas entre o período de 02 de março a 30 de abril de 2026.

O instrumento de coleta de dados foi um roteiro de entrevistas semiestruturado, desenvolvido a partir dos conceitos teóricos estudados, composto por 12 questões abertas e uma solicitação final de conselho a futuras empreendedoras negras, com o

objetivo principal de entender os principais desafios enfrentados por essas mulheres negras empreendedoras. O roteiro das entrevistas foi elaborado com o objetivo de compreender as experiências das participantes, incluindo questões relacionadas aos desafios enfrentados por ser mulher e negra. Também foram abordadas a presença ou ausência de redes de apoio/ajuda, sejam elas familiares ou não.

As entrevistas foram gravadas (com autorização das participantes), transcritas e, posteriormente, analisadas por meio da análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011). Esse método consiste em organizar os dados em categorias temáticas, permitindo identificar padrões, recorrências, contradições e singularidades nas falas das participantes. A análise de conteúdo foi realizada em três etapas. A primeira consistiu na pré análise, com uma leitura flutuante das transcrições, permitindo uma visão geral dos dados. Na segunda etapa, ocorreu a exploração do material, transcrevendo as respostas das entrevistadas para um quadro para melhor visualização de todas as respostas. Por fim, na etapa de tratamento dos resultados e interpretação, as falas das participantes foram relacionadas aos conceitos teóricos, possibilitando uma compreensão mais aprofundada sobre como essas mulheres enfrentam os desafios cotidianos, as estratégias que utilizam e os principais obstáculos que impactam suas trajetórias.

Campos (2004, p. 611) destaca que, no universo das pesquisas qualitativas, a escolha de método e técnicas para a análise de dados, deve obrigatoriamente proporcionar um olhar multifacetado sobre a totalidade dos dados recolhidos no período de coleta (corpus).

A pesquisa respeitou os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que trata das diretrizes para pesquisas com seres humanos na área das Ciências Humanas e Sociais. As participantes foram informadas sobre os objetivos do estudo, assegurando o anonimato, a confidencialidade das informações e a participação voluntária.

4 - ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise das entrevistas foi realizada com base nos tópicos que compõem o referencial teórico deste trabalho, buscando compreender de que forma os conceitos discutidos dialogam com as experiências concretas das mulheres negras empreendedoras entrevistadas. Os temas centrais que nortearam essa análise foram: perfil (idade, formação acadêmica e/ou curso profissionalizante, ramo da sua atividade empreendedora), desafios e barreiras enfrentados por ser mulher e negra, além de estratégias que foram utilizadas para superar esses desafios/barreiras.

A partir das falas dessas mulheres, foi possível perceber como esses elementos estão interligados e como as desigualdades de gênero, classe, raça e território impactam diretamente suas rotinas, seus desafios e suas estratégias de resistência e sobrevivência. A análise, portanto, procura não apenas descrever as dificuldades enfrentadas, mas também refletir, à luz dos autores que fundamentaram este artigo, sobre as estruturas sociais que produzem essas realidades e sobre as urgências na formulação de políticas públicas mais eficazes e integradas.

4.1 - Perfil das entrevistadas

A seguir será apresentado o quadro 2, com o perfil das dez mulheres negras empreendedoras entrevistadas.

Quadro 2 – Perfil das entrevistadas

Entrevistadas	Idade	Região/bairro onde mora	Formação acadêmica e/ou curso profissionalizante	Atividade empreende-dora
Entrevistada 1	27 anos	Zona Sul / Bairro Cavalhada	Curso profissionalizante de cabelereira	Cabelereira
Entrevistada 2	21 anos	Zona Sul / Bairro Nonoai	Curso profissionalizante de trancista	Trancista
Entrevistada 3	36 anos	Zona Sul / Bairro Nonoai	Curso de Informática e de Padaria	Venda de Bolos e Salgados
Entrevistada 4	28 anos	Zona Norte / Bairro Rubem Berta	Curso profissionalizante de nail designer	Nail Designer
Entrevistada 5	20 anos	Zona Sul / Bairro Cristal	Graduanda Serviço Social	Costureira
Entrevistada 6	25 anos	Zona Sul / Bairro Cavalhada	Curso de tranças, penteados, marketing e cabelereiro	Trancista
Entrevistada 7	26 anos	Zona Sul / Bairro Belém Velho	Curso técnico de administração	Venda de trufas recheadas
Entrevistada 8	17 anos	Zona Sul / Bairro Belém Velho	Curso profissionalizante de maquiagem	Maquiadora
Entrevistada 9	51 anos	Zona Sul / Bairro Belém Velho	Curso profissionalizante de cozinheira	Venda de roupas e semijóias
Entrevistada 10	30 anos	Zona Sul/ Bairro Belém Velho	Curso técnico de administração	Venda de comidas caseiras

Fonte: Coleta de dados (2026).

A amplitude etária das participantes varia de 17 a 51 anos, demonstrando uma presença marcante da juventude empreendedora negra. Metade das entrevistadas possui até 26 anos (com destaque para a Entrevistada 8, de apenas 17 anos), o que dialoga com os achados do SEBRAE (2021), indicando que a população empreendedora negra é proporcionalmente mais jovem que a branca. A iniciação precoce surge tanto pelo desejo de conquista da independência financeira quanto pela necessidade imediata de geração de renda em territórios periféricos.

Do ponto de vista geográfico, nove das dez entrevistadas concentram-se na Zona Sul de Porto Alegre (em bairros como Belém Velho, Cavalhada, Nonoai e Cristal), enquanto uma atua na Zona Norte (Rubem Berta). Trata-se de bairros periféricos onde os empreendimentos nascem diretamente das demandas comunitárias locais. Essa distribuição corrobora as reflexões de Nogueira (2014) e SEBRAE (2024), ao apontarem que os negócios de matriz periférica cumprem um papel fundamental de circulação de renda local e fortalecimento do ecossistema econômico das periferias urbanas.

Quanto à escolaridade e qualificação, observa-se expressiva busca por qualificação prática e técnica. Oito entrevistadas possuem cursos profissionalizantes ou técnicos diretamente alinhados às suas áreas de atuação (como Estética, Beleza,

Gastronomia e Administração), uma é graduanda (Entrevistada 5) e a Entrevistada 9 possui formação profissionalizante em gastronomia, embora empreenda no comércio de vestuário e semijoias. Esse dado refuta a ideia do empreendedorismo negro como mero ato improvisado: há uma busca deliberada pelo aprofundamento operacional, consonante com o que aponta o Grupo Educacional Seduc Intec (2024) e Grau Profissionalizante (2024) sobre o papel impulsionador da educação técnica para a independência financeira.

Os segmentos de mercado predominantes concentram-se na prestação de serviços de beleza/estética (cinco entrevistadas: cabeleireira, trancistas, nail designer e maquiadora) e na gastronomia/alimentação (três entrevistadas: bolos/salgados, trufas e comida caseira), além da costura e do comércio de roupas/semijóias.

Ao analisar as motivações subjacentes, emergem tanto o empreendedorismo por necessidade (subsistência, ausência de oportunidade no mercado formal) quanto o empreendedorismo por oportunidade e realização (busca por flexibilidade, propósito e autonomia) (Schneider; Branco, 2012; Dornelas, 2015). Como relata a Entrevistada 2: "O que me motivou foi ter independência e não precisar trabalhar para empresas."

Já a Entrevistada 7 (26 anos) destaca: "Desejo de liberdade, a busca por um propósito maior e a identificação de oportunidades de mercado".

A relevância da rede familiar como suporte inicial é expressiva: oito das dez entrevistadas relataram apoio de mães, companheiros(as) ou filhas(os), seja pelo financiamento de cursos/materiais (como a mãe da Entrevistada 2 e os pais da Entrevistada 8), seja pela divisão de cuidados com os filhos para viabilizar a jornada de trabalho (como a mãe e irmã da Entrevistada 7).

4.2 - Desafios e barreiras enfrentados por ser mulher e negra

A discussão das barreiras vivenciadas pelas participantes exige a reflexão sob a ótica de interseccionalidade, uma vez que as opressões de gênero e cor/raça não atuam de forma isolada, mas sobrepostas no cotidiano do mercado (Almeida, 2019; Ribeiro, 2017).

As participantes apontam que "ser mulher no empreendedorismo" impõe a exigência contínua de provar sua capacidade técnica diante de olhares desconfiados do mercado. A Entrevistada 1 ressalta que empreender enquanto mulher implica "ter que provar o dobro da competência, lidar com julgamentos e equilibrar muitas responsabilidades".

Essa sobrecarga desproporcional decorre da atribuição sociocultural dos trabalhos de cuidado e tarefas domésticas quase exclusivamente às mulheres (IBGE/PNAD, 2022). A Entrevistada 7 sintetiza esse fardo ao afirmar que a "sobrecarga e a conciliação entre empreender e as responsabilidades domésticas e familiares é um dos maiores obstáculos". A Entrevistada 3 reforça que o seu maior receio no início era a "insegurança e medo de conseguir conciliar todas as demandas da rotina dentro de casa com o empreendedorismo".

Além da jornada dupla, a desacreditação da autoridade profissional surge frequentemente atrelada à idade e ao gênero. A Entrevistada 5 relata que, ao ser vista pelos clientes como responsável pela costura, escutava comentários estereotipados: "Por ser mulher e nova, as pessoas desacreditam da tua capacidade. Falavam: 'nossa, imaginava que fosse uma senhora' ou 'imaginava que tu seria outra pessoa'." O preconceito de gênero manifesta-se também na desconfiança sobre a autonomia financeira feminina em relação aos homens, como pontuado pela Entrevistada 2 ao citar o "preconceito por ganhar mais que um homem".

Ao abordarem as barreiras raciais, a totalidade das entrevistadas reconhece os impactos do racismo estrutural (Almeida, 2019), ainda que duas afirmam não ter percebido episódios racistas diretos em suas atividades específicas (E1 e E9). Nas demais falas, o racismo opera de forma inequívoca, manifestando-se desde a rejeição comercial até a desvalorização de saberes socioculturais.

A Entrevistada 7 (26 anos) explicita a violência da discriminação racial nas vendas: "Hoje infelizmente ainda existe muita discriminação racial, e por essa discriminação muitas pessoas deixam de adquirir o teu produto pela cor da tua pele". Para as profissionais do ramo estético afro, como a Entrevistada 2 (trancista), a barreira racial traduz-se no estigma sociocultural que desqualifica o trabalho com cabelos afros: *"*Enfrento ter que escutar que a sua profissão é 'HOBBY', que não vai ter futuro sendo trancista". Essa leitura dialoga diretamente com Ribeiro (2017) e Santos (2024), que denunciam como a imposição de padrões eurocêntricos marginaliza a estética e a identidade negra, desvalorizando mercadologicamente o trabalho de mulheres pretas.

Outro desdobramento do racismo estrutural evidencia-se na restrição de visibilidade e no receio da exposição pública. A Entrevistada 5 revela o "medo de aparecer nas redes sociais e ser julgada/oprimida*"*, demonstrando como o racismo afeta a dimensão psicológica e o desenvolvimento da marca pessoal (Casa de Cultura da Mulher Negra, 2023).

A escassez de representatividade em cargos de destaque e a assimetria no acesso a recursos financeiros aparecem na fala da Entrevistada 4: *"*Ser uma mulher negra traz muitos desafios, principalmente na falta de oportunidades e a forma como somos vistas em ambientes profissionais. A ausência de representatividade nas posições de destaque faz com que o caminho pareça mais difícil*"*.

Esses relatos corroboram as pesquisas do SEBRAE (2021, 2023) e da FUNAFRO (2025), que demonstram que, embora os negros representem a maioria dos empreendedores no Brasil, enfrentam os piores índices de acesso a crédito bancário, menores rendimentos e maior grau de informalidade devido a abismos históricos e institucionais.

4.3 - Estratégias Utilizadas para Superar os Desafios e Barreiras

Frente às assimetrias estruturais de gênero e raça, as empreendedoras negras de Porto Alegre não se posicionam como vítimas passivas, mas constroem ativamente mecanismos de resistência, resiliência e aprimoramento técnico (Arbelo, 2021; Santos, 2024).

A principal estratégia apontada para contornar a desconfiança do mercado e suprir a escassez de recursos é a busca incansável por conhecimento técnico e mercadológico. As entrevistadas compreendem que, para consolidar seus empreendimentos, é indispensável dominar múltiplas áreas da gestão (Dornelas, 2015). A Entrevistada 1 relata a adoção da *"*busca de conhecimento, aprendizagem na prática e procura de aperfeiçoamento em cada área do negócio. Manter foco nos objetivos e ter disciplina". Da mesma forma, a Entrevistada 8 contorna a inexperiência por meio da *"*realização de cursos online e participação em palestras", enquanto a Entrevistada 7 enfatiza que sua superação se deu mediante "estratégias de resistência, como a sororidade e a busca por capacitação contínua".

A articulação de redes de suporte afetivo e operacional configura-se como pilar central de sustentação dos negócios. Diante da ausência de políticas públicas de creche ou crédito facilitado, são as mães, irmãs, avós e companheiros(as) que viabilizam a continuidade do trabalho. A Entrevistada 7 evidencia a relevância do

suporte materno e familiar para a manutenção da atividade de produção de trufas: "Quem ajuda com a filha é a mãe e a irmã mais nova. Quando estou produzindo são elas que cuidam da minha filha; é o maior apoio que uma empreendedora pode ter".

Essa teia de solidariedade reflete a dimensão comunitária e política do afroempreendedorismo destacada por Arbelo (2021) e SEBRAE (2024): empreender para as mulheres negras é um ato coletivo de emancipação, em que o fortalecimento individual impulsiona e sustenta a comunidade ao redor.

Diante do desgaste provocado por episódios de preconceito e desacreditação, as entrevistadas desenvolvem estratégias de fortalecimento psicológico. A Entrevistada 2 adota a estratégia pragmática de "ignorar e deixar de lado tudo aquilo que te deixa pra baixo", focando no valor transformador do seu trabalho na autoestima das clientes. Já a Entrevistada 1 enfatiza a relevância do cuidado com a saúde mental e o autoconhecimento: "Faça terapia (inteligência emocional faz muita diferença), acredite em ti, invista em conhecimento e não tenha medo de ocupar teu espaço!"

Por fim, quando questionadas sobre momentos de desistência, a maioria das entrevistadas (como E1, E2, E5 e E9) relatou nunca ter pensado em desistir, movidas pelo amor à profissão e pelo desejo de independência financeira. Nos casos em que a desistência foi cogitada (E4, E6, E7, E8, E10), as causas estiveram estritamente ligadas a gargalos financeiros iniciais, ausência de clientes ou esgotamento emocional por acúmulo de funções.

Como sintetiza a Entrevistada 4 em seu conselho a futuras empreendedoras negras, a superação do racismo e do sexismo no mercado passa pelo resgate da autoeficácia e do pertencimento: "Acredite na sua capacidade, o caminho pode ser difícil, mas não impossível. A nossa presença importa; acreditar em nós mesmas quando parecer difícil. Não desista!"

Essa postura alinha-se às conclusões de Schucman e Gonçalves (2020) e Santos (2024), ao afirmarem que a reconstrução da identidade e o orgulho racial funcionam como catalisadores essenciais para transpor as barreiras do mercado de trabalho e consolidar o protagonismo feminino negro nos negócios.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou entender e compreender os principais desafios enfrentados pelas empreendedoras negras de Porto Alegre/RS, principalmente quais estratégias foram utilizadas para superar esses desafios e para continuar empreendendo. Ao longo da pesquisa, foram destacados conceitos fundamentais como a importância do empreendedorismo na vida das pessoas, no local onde vivem e na cultura. A evolução do empreendedorismo, os tipos de empreendedores e suas características. Empreender é uma decisão pessoal, que envolve propósito, autoconhecimento e desejo de transformar sonhos em realidade. A maioria das ideias inovadoras surge quando o indivíduo se permite observar o mundo com curiosidade, romper padrões e buscar novas conexões.

O empreendedorismo negro ou afroempreendedorismo não é apenas uma alternativa de renda, aborda como o fortalecimento da identidade negra ajuda empreendedores a construir negócios sólidos e alinhados à cultura afro-brasileira. Empreender também é um ato político, pois ao criar e consolidar seus negócios, pessoas negras reescrevem suas histórias, quebram ciclos de exclusão e inspiram novas gerações. O empreendedorismo negro é peça-chave para o desenvolvimento econômico do país em um modelo mais justo e igualitário.

O empreendedorismo desempenha um papel transformador na vida das mulheres, proporciona independência financeira, autonomia nas decisões e oportunidades de crescimento pessoal e profissional. Além de gerar renda, fortalece a autoestima, amplia redes de apoio e cria espaços para inovação e liderança feminina. Para muitas mulheres, empreender é um caminho para superar desafios socioeconômicos e conquistar reconhecimento no mercado, impulsionando a equidade de gênero e a inclusão.

A conquista pelo espaço e evolução de mulheres negras no campo do empreendedorismo, enfrentando barreiras com determinação, criatividade e resiliência, é o grande diferencial das mulheres negras. Apesar disso, muitas mulheres negras têm se destacado como empreendedoras bem-sucedidas. Com a realização da pesquisa, as entrevistadas trouxeram desafios e barreiras que passaram ou passam por exercer a sua atividade, como: falta de oportunidade no mercado, a forma como são vistas e discriminação racial. As estratégias utilizadas para enfrentar esses desafios são: se aperfeiçoar em cada área do negócio, muito foco nos objetivos e disciplina. Ter a rede de apoio sempre por perto, resistência e a busca por capacitação contínua.

O ato de empreender entre as mulheres negras no Brasil atua tanto como reflexo das assimetrias estruturais da sociedade quanto como um dispositivo de resistência, construção de identidade e mudança social. Por essa razão, a análise e o suporte a esse fenômeno mostram-se indispensáveis para a consolidação de uma sociedade equitativa e para a plena realização do potencial transformador dessas iniciativas (Santos, 2024).

Esse trabalho foi realizado na região de Porto Alegre. As limitações desse estudo restringiram-se ao número de entrevistadas e à delimitação geográfica. Após a realização desse estudo, recomenda-se futuras pesquisas mais abrangentes para abordagem do assunto, como a comparação de homens negros empreendedores com mulheres negras, para dar continuidade a essa temática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARBELO, Davi. *Afro Empreendedores: O Poderoso Movimento Econômico*. 2. ed. Canoas, RS: Clube de Autores, 2021.

ASN - AGÊNCIA SEBRAE DE NOTÍCIAS. Empreendedorismo negro cresceu 22% nos últimos 10 anos, aponta pesquisa do Sebrae. Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/dados/empreendedorismo-negro-cresceu-22-nos-ultimos-10-anos-aponta-pesquisa-do-sebrae>. Acesso em: 19 out. 2025.

BIAGIO, José Carlos. *Empreendedorismo: um conceito em construção*. São Paulo: Editora Atlas, 2012.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua, 2022). *Mulheres gastam quase o dobro de tempo no serviço doméstico*. Agência Brasil, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-08/pnad-mulheres-gastam-quase-o-dobro-de-tempo-no-servico-domestico>. Acesso em: 23 maio 2025.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*,

Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, set./out. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/wBbjs9fZBDrM3c3x4bDd3rc/>. Acesso em: 08 dez. 2025.

CASA DE CULTURA DA MULHER NEGRA. *Desafios de Empreender Sendo uma Mulher Preta*. 2023. Disponível em: https://www.casadeculturadamulhernegra.org.br/8-desafios-de-empreender-sendo-uma-mulher-preta. Acesso em: 07 dez. 2025.

DIHL, Estelamaris de Barros; WAISMANN, Moisés; BEM, Judite Sanson de. Um Estudo sobre as Mulheres e seus Negócios: perfil, oportunidades e limitações. In: Congresso Internacional de Desenvolvimento Regional, 1.; Seminário Nacional de Desenvolvimento Regional, 3., 2021, Taquara. Anais [...]. Taquara: FACCAT, 2021. p. 1-17. Disponível em: <https://www2.faccat.br/portal/?q=node/4844>. Acesso em: 24 nov. 2025.

FUNAFRO. *Empreendedoras Negras: Desafios, Conquistas e Inspirações*. São Paulo: Fundação Instituto de Negócios e Afroempreendedorismo, 2025. Acesso em: 07 dez. 2025.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua):* Outras Formas de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-primeira-divulgacao.html>. Acesso em: 23 maio 2025.

IBQP - INSTITUTO BRASILEIRO DE QUALIDADE E PRODUTIVIDADE. *Empreendedorismo no Brasil: Relatório Executivo (GEM).* Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Relatorio%20Executivo%20GEM%202017.pdf>.Curitiba: IBQP/SEBRAE, 2017. Acesso em: 24 nov. 2025.

INSTITUTO REDE MULHER EMPREENDEDORA. Pesquisa Nacional sobre Empreendedorismo Feminino e Acesso ao Crédito. São Paulo: IRME, 2025. Disponível em: <https://materiais.rme.net.br/empreendedoras-e-seus-negocios-2025>. Acesso em: 31 jul. 2025.

MACHADO, Simone Silva Porto; PAES, Ketlle Duarte. Os desafios enfrentados pelas mulheres negras empreendedoras na cidade de Rio Grande - RS. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 7, n. 5, p. 45693-45715, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NOGUEIRA, João Carlos. *Desenvolvimento e empreendedorismo afro-brasileiro: desafios históricos e perspectivas para o século 21*. Florianópolis: Atilende, 2014. (Projeto Brasil Afroempreendedor).

ORTIZ, Felipe Chibás. *Criatividade, inovação e empreendedorismo: startups e empresas digitais na economia criativa*. 1. ed. São Paulo: Phorte, 2021.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Francielen Araújo. *Os desafios do empreendedorismo de mulheres negras: uma análise teórico-comparativa de autoras brasileiras*. 2024. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Universidade do Estado da Bahia, Eunápolis, 2024.

SCHNEIDER, Elton Ivan; BRANCO, Henrique José Castelo. *A caminhada empreendedora: a jornada de transformação de sonhos em realidade*. 1. ed. Curitiba: InterSaberes, 2012.

SCHUCMAN, Lia Vainer; GONÇALVES, Monica Mendes. Raça e subjetividade: do campo social ao clínico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 72, n. spe, p. 109-123, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672020000300009>. Acesso em: 23 maio 2025.

SEBRAE. *Empreendedorismo Feminino no Brasil em 2022*. Brasília, DF: SEBRAE, 2023. Disponível em: <https://go.agenciasebrae.com.br/wp-content/uploads/sites/9/2023/07/Empreendedorismo-Feminino-ate-III-trim_2022_v5.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2025.

SEBRAE. *Empreendedorismo Feminino no Brasil: Desafios e Oportunidades em 2024*. Brasília, DF: SEBRAE, 2024. Disponível em < https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/estudos_pesquisas/empreendedorismofeminino2024>. Acesso em: 23 nov. 2025.

SEBRAE. *Empreendedorismo por raça-cor/gênero no Brasil (2021).* Brasília, DF: SEBRAE, 2021. Disponível em: <https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Empreendedorismo%20Feminino/Empreendedorismo_por_ra%C3%A7a-cor_e_g%C3%AAnero_no_Brasil_2021_.pdf>. Acesso em: 19 out. 2025.

SEBRAE. Participação das mulheres no universo do empreendedorismo volta a crescer. Agência Sebrae de Notícias, 15 maio 2025. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/cultura-empreendedora/participacao-das-mulheres-no-universo-do-empreendedorismo-volta-a-crescer/>. Acesso em: 7 ago. 2026.

SEBRAE. O que é afroempreendedorismo? Portal de Atendimento do SEBRAE, 2024. Disponível em: < https://sebrae.com.br/subsites/afroempreendedorismo>. Acesso em: 19 nov. 2025.